

Artigo Original

Poeta-Opositor: estratégias de enfrentamento nas experiências de racismo cotidiano

Opponent-Poet: coping strategies in the experience of daily racism

Millen Carvalho Silva¹ 
 Elena de Medeiros Batista² 

¹Autor para correspondência. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil. millencarvalho@hotmail.com

²Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (Salvador). Bahia, Brasil. elenamedeiroscontato@gmail.com

RESUMO | A partir de notícias que anunciaram número de assassinatos por intervenção do Estado e óbitos presentes em maioria nos casos de Covid-19 no Brasil, inúmeros artistas disponibilizaram seus ritmos para denunciar o “pacto narcísico da branquitude” e suas engrenagens de silenciamento da violência, tortura e genocídio do povo preto. O presente artigo busca demonstrar a partir de uma perspectiva decolonial como as/os poetas pretas/os explicitam a reinvenção de corpos em meio ao luto cotidiano provocado pela necropolítica. Foram eleitos o “Instagram” e “Youtube” como território-pista, para que fossem analisados alguns dos poemas que compõem esse artigo. As poesias selecionadas foram as que apresentaram maior circulação no dia determinado. Concluímos que o poeta-opositor é um armado em disputa pelo sentido da vida. Suas rimas alcançam todos os cantos, são manifestações calorosas de contramemória, circulando por entre as corporificações que o fazem trafegar na atmosfera do mundo, produzindo subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Decolonial. Contramemória. Necropolítica.

ABSTRACT | Based on news announcing the number of murders by State intervention and the deaths present in most cases of Covid-19 in Brazil, countless artists made their rhythms available to denounce the “narcissistic whiteness pact” and its gears of silencing the violence, torture and genocide of the black people. This article seeks to demonstrate from a decolonial perspective, how black poets produce the reinvention of bodies in the midst of the daily mourning caused by the necropolitics. It was elected “Instagram” and “YouTube” as territory-track, so that some of the poems that make up this article could be analyzed. The selected poems were those with the greatest circulation on the given day. We conclude that the opponent-poet is armed in dispute for the meaning of life. Their rhymes reach every corner, they are manifestations of counter-memory, they circulate between embodiments that make it traffic on the atmosphere of the world, producing subjectivity.

KEYWORDS: Poetry. Decolonial. Counter-memory. Necropolitics.

Introdução

*"No racismo não existe nenhum
consenso ao nível da razão
Tudo sobre ele é irracional.
Tudo.
Não há nada que eu mais deseje
do que libertar-me dessa irracionalidade."
Grada Kilomba, Ilusões Vol. II, Édipo.*

No dia 19 de maio de 2020 foi encontrado o corpo de João Pedro, adolescente de 14 anos, assassinado em decorrência de uma intervenção policial no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro (Barbon, J., 2020, maio 28). Nesse mesmo dia, no Brasil, se confirmava a morte de 16.000 mil pessoas em consequência do Covid-19, das quais 54,8% dos mortos eram pessoas negras (Brasil, 2020). Nessa mesma data, o pensador e líder político Malcolm X faria 92 anos, este foi assassinado no ano de 1965 no Harlem, enquanto produzia um discurso emancipador da vida de pessoas de cor nos Estados Unidos.

No dia 19 de maio de 2020, inúmeros artistas disponibilizaram seus ritmos para denunciar o "pacto narcísico da branquitude" (Bento, 2002) e suas engrenagens de silenciamento da violência, tortura e genocídio dos povos negros. Presente nas populações em que as noções de raça-classe-gênero-idade-território se atravessam como marcadores de desumanização pelo processo colonizador das Américas.

Além do grande número de mortes, a presença dessa população se encontra em maioria na exposição aos trabalhos informais, nos índices de desemprego, nas situações de extrema vulnerabilidade social, que impossibilita o isolamento em tempos pandêmicos. Um dos recursos possíveis torna-se a arte do falar. Considerar a funcionalidade cotidiana da poesia na vida das pessoas pretas, frente aos episódios de massacre, instaurados pela política genocida e o uso desta como poder bélico, parece enfraquecer as práticas que dominam nossa existência e censuram nossos dizeres. É através dessa produção, como nos assinala Grada Kilomba, leitora da bell hooks que:

"nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor - a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em suas precariedades: precariedade de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de "chegar", mas dificilmente podemos "ficar" (hooks, 2019, p. 59).

Para torcer a ordem de controle e reivindicar a existência, a/o poeta deambula com suas performances, denunciando a vida assim como a morte, pois é através da poesia "que damos nomes àquelas ideias que - antes do poema - não tem nome nem forma" (Lorde, 2019, p.45). A música, a poesia, os ritmos no Brasil, em muitos momentos operam como marcadores da realidade do nosso tempo.

O historiador João José Reis demonstra em suas investigações, como a arte do cantar-recitar-batucar, esteve diretamente associada aos modos das pessoas de cor "aliviar o peso do fardo nos ombros", presente também para "aliviar o espírito, afirmar sua humanidade" (Reis, 2019, p.76). Não podemos associar a poesia exclusivamente a uma estratégia imaginária, mas como "esqueleto que estrutura nossa vida. Ela estabelece os alicerces para um futuro de mudanças". A possibilidade de produzir narrativas que contribuam na travessia dos "medos que sentimos daquilo que nunca existiu" (Lorde, 2019, p.47).

Esse trabalho pretende demonstrar como as/os poetisas pretas/os que transitam pelos transportes públicos, que ocupam a cena Urbana e se reúnem em "rinhas de MC's", explicitam a reinvenção de corpos em meio ao luto cotidiano provocado pelo genocídio do povo preto.

Método

A poesia foi utilizada como produção discursiva na análise do texto. Fanon nos indica que "falar é assumir o peso de uma civilização" (2008, p.33), o discurso evidencia-se como modo de enunciar o máximo de semelhanças entre os sujeitos na cultura. A poesia opera por meio desse conjunto de discursos apontando o mundo, sustentando em suas letras a cultura.

Considera-se que nenhum ato de linguagem seja aleatório: todos são formulados com um propósito que, simplificando bem, é o de aproximar-se do outro (leitor / ouvinte) na expectativa de com ele poder realizar uma troca interativa (Machado, 2015).

O interesse que se propõe com tal modalidade anti-hegemônica é, dissimular os padrões cartesianos do saber, desobedecer às mecânicas do ser, atuar com outras estratégias de poder e deambular por entre as poéticas performativas da vida. Assim como descreve Frantz Fanon, essa pode ser uma

sociogênese da poesia, modo de catalisar as tramas da existência (Fanon, 2008, p. 28).

Nelson Maldonado-Torres entende que a decolonialidade é uma “atitude de transgredir e intervir contra os padrões de dominação naturalizados e seus efeitos materiais, simbólicos e epistêmicos visualizando construções alternativas” (Torres, 2019, p.36). Dessa forma, a coluna vertebral da metodologia decolonial, proposta pelo autor, se ampara em alguns pontos para nortear a técnica:

1. Atitude do pesquisador: O sujeito rompe com as ciências modernas/coloniais baseadas na neutralidade, objetividade e distanciamento do objeto estudado para tornar-se o sujeito pensador, participante e questionador.
2. Pesquisa enquanto ação estética: Refere-se à criação dos modos de investigação distanciando da visão e dos sentidos impostos. De modo a não universalizar, este não tem a intenção de se impor, apenas considera-se um paradigma outro. Valorizando as histórias locais e a ancestralidade dos povos enquanto campos de saber-poder.
3. Ativista da mudança social: O sujeito não só detém o saber como também se torna agente de mudança do próprio contexto social e o mundo. Participando de maneira ativa, criando e propondo.

Foi eleito o dia 19 de maio de 2020 no intuito de observar a reação da população frente a alguns acontecimentos: o corpo de João Pedro de 14 anos assassinado, decorrente de uma intervenção policial no Complexo do Salgueiro, no Rio de Janeiro. No mesmo dia, a morte de 16.000 mil pessoas em consequência do Covid-19 no Brasil e a data em que o pensador Malcolm X faria 92 anos.

Visto o enfrentamento da pandemia e a impossibilidade de deambular pela cidade, foram eleitos o “Instagram” como território-pista para que fossem entremeados alguns dos poemas que compõem esse artigo. As poesias selecionadas foram as que apresentaram maior circulação no dia pelos “stories” de influenciadoras/es negras/os em três canais do Instagram: @igrejalesbiteriana, @potenciasnegras, @lazzomatumbi. Os influenciadores digitais são tidos como aquelas/es que exercem um impacto em determinado segmento, produzindo grande circulação de conteúdo.

Ao transitar pelo que as mensagens denunciavam, observou-se que as expressões poéticas trabalhavam com outra orientação de mundo que não está associada às epistemologias hegemônicas. Compreende-se que, tais produções se estabelecem por meio de uma decolonialidade, isto quer dizer: valorizar histórias locais solapadas pelo processo colonial; reconhecer a diversidade como um processo emancipatório; decolonizar e ouvir a voz das identidades fraccionadas (Busko, 2019).

Corpo levado

“Correria tu se vira / Bobeou eles atira / Eles nem são bons de mira / Mas a ordem é matar / “Se não é alvo, aniquila / Porque o alvo é a melanina / Pode estar com a família, / Menino ou menina” / E na favela é mais uma chacina / Necropolítica / No hospital / Não tem respirador e maca / Tá faltando luva e máscara / Quando que isso vai melhorar? / Indígenas exterminados / O garimpo liberado / Na terra que seus antepassados começaram a plantar. / Lamas varrendo cidades / Aviso prévio da morte / Agora pensa se VALE / Calcular e deixar a sorte / Decidir quando estoura / Toda essa bomba relógio / Isso é Necropolítica / Pro estado, um negócio / Democracia hipócrita / Ideias tão inóspitas / água e comidas tóxicas / Querem te intoxicar / Tem mais manada que gente. / E o governo defende: / “Pode tacar fogo em tudo / Porque o boi tem que pastar” / E muita gente doente / Sem médico pra cuidar / E nenhum centímetro a mais pra terra indígena / A cada 23 minutos, mais uma mãe preta chora / Coração apertado e ele só foi jogar bola / Se tiver atrasado, devagar, não corre agora. / A polícia não viu que era roupa da escola? / Necropolítica é isso, / Te incomoda?! / Mbembe me ensinou / E eu tô repassando agora! / Cheguei falando alto, agora tô fazendo alarde / Espero que entenda e comece a sua parte! / Por quê / Não vai chorar sua mãe / Nem vai chorar a minha / Povo preto se armando / Com a palavra e a escrita / Não vai chorar sua mãe / Nem vai chorar a minha / Povo preto se armando / Conhecimento é a saída.”
(NECROPOLÍTICA - Bia Ferreira)

Neste poema, a artista Bia Ferreira aborda o contexto do combate armado, descrevendo o funcionamento de guerra pelo Estado. Observa-se que o fazer político, reconhecido por vezes como ato democrático, é denunciado pela autora como aquele que detém o direito de matar: “Mas a ordem é matar”, “águas e comidas tóxicas, querem te intoxicar”.

A ideia de Estado está vinculada ao seu exercício de soberania, enquanto autoridade suprema, a fim de reduzir os conflitos sociais por meio do monopólio estatal, ou seja, o neoliberalismo. Este poder tem relação com o exercício da violência que se tem sobre os outros. Sabe-se que o conceito de poder soberano é a decisão sobre a inclusão ou exclusão dos indivíduos para manter a paz. Dessa forma, o direito de realizar guerra, matar ou negociar a paz está atribuído a ele (Foucault, 2014).

O Estado deveria fazer reinar a paz, mas aparece como continuação da guerra por meio da evidente relação de força inserida sob as instituições, os corpos dos indivíduos e a comunidade. Segundo Mbembe (2019) amigo-aliado e inimigo-adversário são considerados princípios orientadores do exercício político. Dessa forma, a guerra se torna a representação extrema da inimizade:

“Em última instância, o terror não está ligado exclusivamente à utópica crença no poder irrestrito da razão humana. Também está claramente relacionado a várias narrativas sobre a dominação e a emancipação, apoiadas majoritariamente em concepções sobre a verdade e o erro, o “real” e o simbólico herdados do Iluminismo.” (Mbembe, 2019, p.24)

Inseridos ao contexto neoliberal, o Estado entende que em prol da democracia são necessárias certas unanimidades reduzidas a uma verdade válida e universal, pois assim corroboram na dualidade amigo-inimigo. Entende-se que a potência dos poderes estatais em estabelecer a ordem, aumenta quando uma coletividade compartilha um conjunto de valores e normas, ou seja, amigos-políticos. Explícito mais uma vez pela artista quando diz: “Pro Estado, um negócio”, essa articulação coletiva proporciona não só o poder pela verdade, mas a privatização do Estado e o controle pelo exercício da liberdade e a vida.

O Estado, ao reconhecer o seu inimigo declara guerra como um pressuposto para validar uma ação política. Dentro dessa configuração, fica fácil entender o que a poeta quer dizer com “Necropolítica é isso”, o Estado possui o poder de definir a morte dos indivíduos com base na separação, vigilância, controle dos corpos e territórios.

“Populações inteiras são alvo do soberano. As vilas e cidades sitiadas são cercadas e isoladas do mundo. A vida cotidiana é militarizada. É outorgada liberdade aos comandantes militares locais para usar seus próprios critérios sobre quando e em quem atirar.” (Mbembe, 2019, p.48)

As práticas de terror modernas seguem as estruturas escravocratas, onde a primeira coisa que se aplica é a desumanização. Assim como os escravizados que tiveram a sua humanidade negada por serem considerados propriedade dos seus senhores, a guerra contra o inimigo tem por finalidade o extermínio:

“Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos - a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização”” (Mbembe, 2019, p.35).

O genocídio da população negra evidencia a existência de uma máquina responsável por definir aqueles que devem estar mais expostos à exclusão das estruturas sociais e políticas (Mbembe, 2019). Este modelo destaca o ranking das estatísticas em homicídios, sendo as principais vítimas de morte letal, ou quando estão na linha de frente, representados pelas patentes policiais mais baixas, ocupando a função de “capitão do mato” e que de maneira desproporcional também são mortos.

Tais dados convergem para uma população que, marcada pela raça, são *outsiders* daquilo que a “supremacia branca” constitui como espaço para vida (hooks, 2019, p.101). A palavra genocídio é resultante de um conjunto de homicídios visando destruir toda uma raça. Isto não compõe mero acaso, mas sim um sistema organizado por pessoas com interesse comuns que planejam, de modo estratégico, quais sujeitos devem morrer na política de guerra.

Interesses estes acordados entre pessoas brancas, teorizado e nomeado por Cida Bento (2002) de pacto narcísico da branquitude, constituído como resultado de uma negação dos problemas sobre desigualdades sociais, com intenção de manutenção dos privilégios raciais e/ou desresponsabilização pela relação de poder desiguais. Em decorrência disso, tal aliança não permite que pessoas pretas se integrem ou ascendam socialmente, de modo a ocupar sempre o mesmo lugar que lhe foi atribuído no “mundo dos brancos”.

Após ser atingido, o corpo do jovem João Pedro de 14 anos foi levado no helicóptero da polícia, sem o consentimento dos familiares, onde só tiveram a notícia da morte na manhã do dia seguinte (Barbon, J., 2020, maio 28). A situação repercutiu e revoltou muitas pessoas acerca da ação policial indiscriminada, sobre a população preta do país. Tal situação denuncia que a política de segurança pública está intimamente ligada à política da morte adaptada pelo Estado, como nos alerta a poeta, “Se tiver atrasado, devagar, não corre agora.” “A polícia não viu que era roupa da escola?”.

Assim, a identificação do inimigo se dá com base em elementos que compõem o tecido social, chamada por Mbembe (2018) de política da raça, estes avaliados pelo olhar disciplinador entrecruzam e estabelecem modos de reconhecimento e/ou exclusão da humanidade na vida dos indivíduos.

Assim, foi feito com o corpo do jovem carioca, que ao ser assassinado, o seu “corpo levado” pelo Estado representa a satisfação em vida daquele que foi o sobrevivente da missão, por acertar em cheio no inimigo:

“Esse corpo era o mais desejado na escravidão e é esse o corpo mais representado na cultura popular contemporânea como o corpo a ser vigiado, imitado, desejado e possuído” (hooks, 2019, p. 86).

O “corpo levado” também se constitui como um corpo subversivo, que rompe com a cadeia de enquadramento proposta e representa o símbolo de perigo ao poder hegemônico. Estando aí, o então inimigo do Estado.

Falador, fala-a-dor

No dia 14 de maio eu saí por aí / Não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir / Levando a senzala na alma eu subi a favela / Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci / Zanzei zonzo em todas as zonas da grande agonia / Um dia com fome, no outro sem o que comer / Sem nome, sem identidade, sem fotografia / O mundo me olhava, mas ninguém queria me ver / No dia 14 de maio ninguém me deu bola / Eu tive que ser bom de bola pra sobreviver / Nenhuma lição, não havia lugar na escola / Pensaram que poderiam me fazer perder / Mas minha alma resiste, o meu corpo é de luta / Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser mu / A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa / Eu sou o que sou pois agora eu sei quem sou eu

*/ Será que deu pra entender a mensagem? / Se ligue no Ilê Aiyê / Se ligue no Ilê Aiyê, agora que você me vê / Repare como é belo, êh nosso povo lindo / Repare que é o maior prazer / Bom pra mim, bom pra você / Estou de olho aberto / Olha moço, fique esperto que eu não sou menino.
(Lazzo Matumbi - 14 de maio)*

Tomamos a palavra, usamos da poesia. Quando tomamos nossas vidas, contamos com a poesia. Narramos nossas vidas com a vida dos outros, pois não há poesia sem multidões. Ao criar uma poesia registramos e expressamos a “demanda revolucionária, a implementação da liberdade”, de uma vontade de existir (Lorde, 2019, p.48). É isso que encontramos na poesia do Lazzo Matumbi.

Quando o poeta canta com sua voz tomada de força, a então conhecida “14 de maio” nos ocupa de multidões. Lazzo não canta para uma pessoa. Lazzo canta para um grupo, uma multidão. Lazzo não canta só sua própria história, mas uma história que pode ser partilhada por tantas/os pretas/os Brasil afora. O que está na fala desse poeta baiano é a condição de que tudo “nasce e morre naquilo que se fala”, por isso, “estamos condenados a linguagem mesmo depois de perdermos o corpo” (Couto, 2011, p. 14). Esta pode ser uma das condições que afirma o racismo como operador de morte de inúmeras vidas negras no Brasil, no curso de sua história colonial.

Lazzo ao cantar as letras de “14 de maio” cartografa a experiência de inúmeras pretas/os pós-abolição, demonstra que a população preta daquela época “não tinha trabalho, nem casa, nem pra onde ir/ Levando a senzala na alma eu subi a favela/Pensando em um dia descer, mas eu nunca desci”. Na disputa pela vida, modos de existir foram operados, nas letras das músicas: a desesperança, os morros, os sonhos; uma condensação de afetos que virulentos surgem e deambulam. Se anunciam verdadeiros letreiros denunciando a vida precária, o empobrecimento do povo preto no curso de sua história no Brasil.

A poesia fornece estrutura de entendimento do tempo qual vivemos. Nem por um segundo em suas entranhas fonéticas deixa retrancado a disputa pela existência. A poesia está aliada a condição da diferença radical: que todos digam a seu modo. Isso acende revoluções que buscam emancipação do

“um a um”, onde cada sujeito fala de si disputando com o outro de forma ética. Essa pode ser a “rinha dos MC’s, espaço de troca entre o povo preto. Meio pelo qual as realidades de vidas se atravessam, ‘encruzilhando’ perspectivas.

O existir no mundo acompanha o som de nossa fala; nossa fala acompanha o sistema de ideias que anuncia ou não uma possibilidade de saída do território que vivemos, como nos canta Lazzo, “Mas minha alma resiste, o meu corpo é de luta / Eu sei o que é bom, e o que é bom também deve ser meu”. A fala desterritorializa o corpo, o corpo reterritorializa a fala; não há corpo sem fala. “Falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 2008, p. 33).

Falar do corpo é existir com a própria vida, não falar é perceber que a “cada hora, de cada dia a gente aprende uma qualidade nova de medo” (Rosa, 2019, p.68) dada pelo circuito colonial que nos silencia. O ato de falar está completamente vinculado a uma cultura e no fato de sustentar o fardo de uma civilização (Fanon, 2008, p.103). Com isso, falamos “português”, por isso colocamos em palavras de onde falamos: das periferias, das ruas, dos centros e dos subúrbios, da capital e dos interiores, da América e de África. Falamos de tantos lugares buscando a “possibilidade de existências para além das impostas pelo regime discursivo dominante” da supremacia branca (Ribeiro, 2019, p. 89).

Onde se fala, a dor condensada torna-se operador de vida e justiça, “A coisa mais certa tem que ser a coisa mais justa / Eu sou o que sou, pois agora eu sei quem sou eu”. A palavra é combustível para o corpo. A palavra é a vida. No corpo do falante a palavra é um afeto tomado em sentido, modos circular de partilha. De um a um a palavra se move. Afinal, como demonstra Kopenawa “as palavras são antigas, mas nunca vão desaparecer, porque são muito bonitas e o valor delas é muito alto” afinal, pode ser que para nós, de orientação ocidental, as palavras “segurem o céu para que ele não desça” (Kopenawa, 2015, p. 85).

Como dito anteriormente, uma poesia se diz com as multidões, sejam eles dentro ou fora de nós. Para o mundo: destino da poesia. Uma exterioridade capaz de reivindicar a presença com a fala. Conceição Evaristo descreve esse modo usando o termo

“escrevivência”: experiência de cartografar a vida por entre as malhas da ficção, nesses percursos, viver é em tudo experimentar uma invenção, afinal, a “memória esquece, e por isso a necessidade da invenção”. Falar é inventar a si mesmo (Evaristo, 2017, prefácio).

Falar é afirmar a vida de dentro para fora. *Outsider* diria Audre Lorde (2019). A vida por todo canto busca perseverar na sua existência. Todo afeto sentido é a oportunidade de o falante fazer algo ser dito. Na medida em que se diz, em que se narra o nome de todas as pessoas mortas por covid-19, por ações criminosas da segurança pública, por fome, por insalubridade, um sentido é produzido e dado as multidões. O luto então se estabelece partido, ora pergunta o “porquê” outrora o “quem das coisas” (Rosa, 2019, p.302).

Quando perguntam o “por quê” o luto estabelece uma sincronia com a geografia. Por que ele morreu?; “porque estava no lugar errado”, se responde sobre o corpo preto assassinado. Mas qual é o então lugar do preto? Onde ele quis.

Quando se pergunta “quem?” o luto vincula-se a história. É no “quem das coisas” que o nome se propaga de ouvido para ouvido. “Morreu o filho de fulana-detal”, “aquela criança?”, “aquela criança que brincava aqui na porta com nossos filhos”. Quem morreu? Uma criança negra de 14 anos assassinada por uma ação policial.

Aí está a poesia, acionada no tempo em que a vida corre o risco de perder seu encanto, afinal, “o contrário da vida não é a morte”, mas, “o desencanto” (Simas & Rufino, 2020, p.11). A poesia é esse jeito de reencantamento, uma “astúcia de batalhas e mandingas em um mundo assombrado de terror” (Simas & Rufino, 2020, p.8). A poesia é aquele meio capaz de “arvorecer com a delicadeza do jardineiro e a fortaleza de mil anos das sumaúmas da oresta, agir como folha de espinheira-santa em suas artimanhas de guerra” (Simas & Rufino, 2020, p.17). A poesia é o povo em cada som, ruído. Mecanismo de força, operador de sentido. Em tudo, a possibilidade de dizer sobre outros mundos, localizar a geografia e nomear a história.

A Poeta Política

*Eu determino que termine aqui e agora / Eu determino
que termine em mim, mas não acabe comigo /
Determino que termine em nós e desate / E que
amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas
/ Que tenham outros problemas e encontrem novas
soluções / E que eu possa viver nelas, através delas
e em suas memórias / Entre a oração e a ereção /
Ora são, ora não são / Unção / Bênção / Sem nação /
Mesmo que não nasçam / Mas vivem e vivem / E vem /
Se homens / Se amam / Ciúmes / Se hímen / Se unem /
A quem costumeiramente ama / A mente ama também
/ Não queimem as bruxas / Mas que amém as bixas /
Mas que amém / Que amém / Clamem / Que amém /
Que amém as travas também / Amém.
(Linn da Quebrada - Oração)*

Ângela Davis (2018) em seu livro “A liberdade é uma luta constante”, destaca um trecho de Martin Luther King que diz “a injustiça em qualquer lugar do mundo é uma ameaça à justiça em todo o mundo”. Nesse fragmento, a Davis coloca como as diversas multidões produzem atravessamentos dentro e fora da intimidade.

Esses atravessamentos de ampla duração, percorrem fronteiras e seguem o curso da extimidade. A exemplo, temos as religiões afro-brasileiras que surgem em tempos coloniais, partilhando da sua estética e linguagem para que geografias sustentem a multiplicidade como modo de vida. Fazendo então percorrer pelas américas a justiça em oposição a injustiça segregacionista.

Essas são as geografias que insistentemente lutamos para perseverar, presentes nas festas de largos, nos sambas dos terreiros e em celebrações religiosas, práticas já então exercidas pelos povos originários e africanos. Neste ínterim, o múltiplo surge como articulador de mundos.

“O pensamento, a criatividade e a ação são todos realizados não quando se busca o reconhecimento dos mestres, mas quando estendemos as mãos aos outros condenados” (Maldonado-Torres, 2019, p.50).

É com a tentativa do extermínio que se faz necessária a produção de grupos para defenderem uma postura pluriversalista (Carvalho, 2019). Olhar o mundo e suas composições como “natureza”, assim nos coloca Krenak (2019). Nos enlevar com a vida em multidões:

com os cardumes de peixes, as matas fechadas, a união dos grãos de areia no sertão, assim como, o grande bloco de gelo na Antártida.

São esses e outros modos de coletividade que a branquitude busca a destruição. Me parece que a necessidade é de deteriorar a grandeza das coletividades. A pergunta “O que quer o humano?” nos coloca na enrascada futurista em tempos de pandemia. “Não saber” é uma postura firme que se coloca frente a própria vida, “O humano não sabe o que quer”. A astúcia da questão produz interface com o íntimo de cada um de nós: “ora, mas sei o que quero” diria, bastou a pandemia chegar e logo nos asfixiar de “não saber”.

A poesia é um anti-limite desse “não saber”, o poeta é um armado em disputa pelo sentido da vida. Suas rimas alcançam todos os cantos, são manifestações calorosas, circulando por entre as corporificações que o faz trafegar na atmosfera do mundo, produzindo subjetividade (Veiga, 2019).

Rompendo com o prazo de fim, “Marielle Vive” e a poesia se estende. Com isso o corpo segue: armando uma contramemória sobre o que foi dito. A coletividade de um poema é a ruptura do “universal”, é a diferença posta em sintaxe. A poesia nos faz disputar com o “processo de globalização” e os seus efeitos “contraditórios que provocam por toda parte” (Mbembe, 2019, p. 47). Não como ficção, mas sujeitos da realidade, a poesia percorre os corpos, informando que “não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana” (Kilomba, 2019, Prefácio).

A poesia é invenção da letra, do nome, do corpo. Assim como a música e seus rituais, a poesia “cria um modo pelo qual a identidade não pode ser entendida nem como essência fixa, nem como construção vaga” (Gilroy, 2012, p. 209). Ela rompe os caprichos do “eu sou” e possibilita ao corpo o estatuto do “estou”, é uma “tecnologia emergente sobre o corpo”, densifica a “linguagem, gestos, significações corporais, desejos”. A poesia insurge no corpo como uma identidade, ou seja, “ela existe, tem realidade, é permanentemente produzida em torno, sobre, dentro do corpo pelo funcionamento do poder que é exercido” (Foucault, 2014, p.29).

Em toda relação de poder existem formas discursivas de exercer uma força opositora. A exemplo temos a poesia da Linn da Quebrada “Oração”. Opondo sentidos, uma letra dá fim e início a um novo som: “entre a oração e a ereção/Ora são, ora não são/Unção/Bênção/Sem nação/Mesmo que não nasçam/Mas vivem e vivem/E vem”. A poeta-opositora desarticula a palavra “oração” fazendo deslizar o significante “ereção”. Opõe os poderes discursivos, colocando em circulação outras formas, sons e territórios. “Dentro do contexto de exploração e dominação racista, desenvolve-se práticas de oposição à ordem dominante” (hooks, 2019, p.241). Neste ínterim, a poesia inscrita no corpo, surge como ferramenta de investigação, onde a multiplicidade produz sentidos para fazer viver.

Ver o humano pela voz do outro humano. Este movimento torna-se político, pois a pessoa negra se despede de um ego que age em conformidade toda vez que um branco age. Para virar sujeito da sua própria história, a poesia resiste, questiona e reinventa as realidades enquanto potências de vida, a fim de “enxergarmos nossa história como uma contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro” (hooks, pg. 240, 2019).

Considerações finais

O objetivo proposto neste artigo de reinvenção dos corpos em meio ao luto cotidiano pelo genocídio do povo preto, é contemplado ao demonstrar as estratégias de subversão da língua por meio da arte de narrar o cotidiano. Apesar da grande variedade de redes sociais, a escolha de uma plataforma e um único idioma marcam as limitações na busca de dados, bem como, a escolha de uma data para coleta das poesias e preferência por contas nas plataformas de busca de famosos que mais se repetiram no dia em número de visualizações e compartilhamento.

Entendemos que a proposta de uma metodologia decolonial apresentada está avançando no contexto da produção epistêmica das academias. Este artigo tem por finalidade política contribuir na validação de outros discursos sobre o ser, o saber e o poder. A perspectiva a partir da vivência neste trabalho, é construir reflexões e práticas nos campos da formação de psicólogas/os, na produção e prevalência de outros discursos nos territórios de disputa pela fala.

Tornar-se poeta/o-opositora/o é fazer que outros discursos transitem no mundo, é compreender que o “outro do outro, não é o outro do mesmo”. É articular com a diferença radical para sobreviver e estrangular todo modelo irracional produzido pela estrutura racista qual todas/os estamos inseridas/os. A relação com a poesia já é um território conhecido por nós, é o processo de investigar aquilo que se inseriu como registro da nossa existência, torna-se um ato de dentro para fora. A poesia deambula pelos espaços onde a disputa pela vida é constante, a poeta/o-opositora/o é aquela/e que insiste nos efeitos de uma contramemória.

Contribuições dos autores

Batista, E. M. participou da concepção, delineamento, coleta de dados, formatação do texto, construção do método, análise crítica dos dados, revisão do texto e redação do artigo científico. Silva, M. C. C. participou da coleta de dados, formatação do texto, bem como delineamento, redação do artigo científico, revisão das referências, análise crítica dos dados coletados e construção do método.

Conflitos de interesses

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo, mas não se limitando a subvenções e financiamentos, participação em conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc.).

Referências

- Barbon, J. (2020, maio 28). *Lauda indica que tiro de fuzil atingiu João Pedro pelas costas* [Internet]. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/05/lauda-indica-que-tiro-de-fuzil-atingiu-joao-pedro-pelas-costas.shtml>
- Carvalho, J. J. (2019). Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado-Torres & R. Grosfoguel (Eds.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (1a ed. pp 79-106). Belo Horizonte: Autêntica.
- Couto, M. (2011). *E se Obama fosse africano? e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das letras.
- Davis, A. (2018). *A liberdade é uma luta constante* (H. R. Candiani, Trad.). São Paulo: Boitempo.

- Evaristos, C. (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Fanon, F. (2008). *Pele Negra Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Gilroy, P. (2012). *Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34.
- Hooks, B. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Codogó.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (B. Perrone-Moisés, Trad.). São Paulo: Companhia das letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lorde, A. (2019). *Irmã Outside*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Machado, I. L. (2015). Um encontro entre poesia, análise do discurso e narrativa de vida. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, 6(11), 32-43. Recuperado de <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15769>
- Maldonado-Torres, N. (2019). Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado-Torres, & R. Grosfoguel, (Eds.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* (1a ed., pp. 27-54). Belo Horizonte: Autêntica.
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 edições.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições.
- Reis, J. J. (2019). *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ribeiro, D. (2019). *Lugar de fala*. São Paulo: Pólem.
- Rosa, J. G. (2019). *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a Psicologia: notas para uma psicologia preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(esp.), 244-248. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29000>. doi: [10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000)